

FANZINEANDO O COTIDIANO: A ARTE COMO TROCA DE SABERES ENTRE A CULTURA INFANTIL DE PELOTAS.

FERNANDA MACHADO¹; ALINE ACCORSSI²

¹Universidade Federal de Pelotas– contato.machadof@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas– aline.accorssi@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O projeto "Fanzineando o Cotidiano" nasce da necessidade de mapear os territórios da infância na cidade de Pelotas, promovendo a expressão das vivências das crianças por meio da criação de fanzines. Apresentado por uma estudante de Artes Visuais Licenciatura da UFPel ao PET-GAPE, o projeto une arte e educação popular como instrumentos de transformação social. Sua metodologia valoriza o papel ativo das crianças em suas comunidades, criando um espaço para que elas explorem e compartilhem suas realidades por meio da arte.

A proposta se baseia na reflexão de que o território, conforme Santos (2002, p.10), é o resultado da união de "chão + identidade". Esse conceito permeia o projeto, no qual os fanzines se transformam em territórios móveis, conectando crianças de diferentes bairros e revelando a pluralidade de suas experiências cotidianas. Mais do que um exercício criativo, o projeto busca proporcionar consciência crítica e pertencimento, legitimando a cultura infantil e promovendo a autonomia cultural.

Ao estimular as crianças a ocuparem seu espaço de forma ativa e criativa, o projeto "Fanzineando o Cotidiano" destaca o potencial da arte como um meio de reflexão sobre o lugar que ocupam no mundo, incentivando o protagonismo infantil e a criação de novos significados para suas próprias histórias.

2. METODOLOGIA

As práticas que pertencem a este relato estão vinculadas ao projeto "Fanzineando o cotidiano" o qual foi apresentado por uma estudante de Artes Visuais Licenciatura(UFPel) no mês de julho de 2024 aos estudantes e tutora integrantes do PET-GAPE (Grupo de ação e pesquisa em Educação Popular) na Universidade Federal de Pelotas-RS e, teve início do seu planejamento no mesmo mês. A ideia que guiou o projeto foi o de desenvolver uma prática de ensino que por meio da arte, possibilitasse mapear os diversos territórios das infâncias vividas na cidade de Pelotas. A prática de ensino que sustenta o projeto, concebe a educação como um processo de aprender a inventar a si mesmo junto com a conscientização do meio social, considerando a arte e a educação um território que atravessa o sensível, provoca afetos e também fornece reflexão crítica sobre si e suas realidades. Com isso foi idealizada a proposta de confeccionar fanzines e pretende ocorrer tanto por meio de escolas públicas, localizadas nos bairros Pelotenses ,quanto pelas associações das comunidades dos mesmos.

A escola foi escolhida como uma das ferramentas de acesso para os universos infantis, a fim de fazer um atravessamento entre escola, arte e educação popular, visto que, é muito comum escolas públicas atenderem a classe popular mas, não realizar educação popular. Apenas a presença do outro não garante a interação pedagógica, a aprendizagem acontece nos encontros com o outro por meio de trocas de ideias e experiências. A proposta do projeto provoca uma ruptura nas práticas escolares cotidianas que - por variados motivos - dificultam a expressão dos conhecimentos e saberes que as crianças já possuem sobre si e seu entorno, e pode fornecer também sentimento de pertencimento e

autonomia criativa, possibilidade de existir como protagonista da própria história.

Para consolidar o objetivo de proporcionar experiências criativas e coletivas para as crianças de Pelotas e valorizar a cultura infantil, foram desenvolvidas oficinas que utilizam fanzines como instrumento para promover a interação entre crianças. A ideia é produzir livretos o qual as folhas se transformem em um território que se desloca entre lugares, para contar as pluralidades das experiências cotidianas das crianças. As localidades foram mapeadas por meio de pesquisas das escolas municipais e estaduais de ensino fundamental, localizadas em diferentes e distantes bairros de Pelotas, além de espaços comunitários que realizam atividades públicas. Tem como etapa do projeto o contato com os locais encontrados, visando à execução prática da proposta e agendar encontros para a confecção dos fanzines com as crianças, seguidos por um segundo encontro, no qual ocorrerá a troca de correspondências entre os bairros. Esta proposta metodológica pensa a criança como protagonista de suas decisões, sendo agente ativo e informado dentro de sua comunidade social, bem como diz a autora ANA MAE BARBOSA no livro *Inquietações e mudanças no ensino da arte* (2012, p 18.): "A arte na educação como expressão pessoal e cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual".

Dado o levantamento das possibilidades de escolas de bairros não centralizados na cidade de Pelotas e a base teórica, a outra etapa da execução do projeto é a reflexão e estudo de metodologias para mediar a teoria e a prática nas oficinas, que têm duração de apenas uma tarde, geralmente cerca de uma hora e trinta minutos. Mesmo com o tempo reduzido, o objetivo é estabelecer conexões e proporcionar experiências estéticas e poéticas em arte. Para fomentar a inspiração, além das discussões teóricas e reflexões/devaneios sobre arte e território, a proponente organizou referências visuais para ampliar a criatividade e os repertórios imagéticos das crianças, confeccionando objetos e criando um pequeno acervo de fanzines para auxiliar os processos de criação artística descritos nos resultados. Como afirma Luciana Esmeralda Ostetto (2011): "Quanto maior o repertório, maior a possibilidade de estabelecer diálogo com as 'coisas do mundo', com o mistério da vida. Assim é para a arte como para todos os campos da vida humana".

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Os primeiros resultados das etapas de organização foram o desenvolvimento e a impressão dos planos de ensino, contendo objetivos gerais e específicos, para apresentar o projeto e entregá-los às escolas. Isso se deve ao fato de que, em alguns casos, ele ocupou e pode ocupar o período de artes na grade curricular das instituições. Também foi criada uma tabela para preencher com informações das escolas que desejam receber a oficina, incluindo sua localização. O primeiro objeto construído para auxiliar no processo criativo das crianças foi uma caixa de papelão, escrita à mão com a frase "território viajante" (Figura 1).



Figura 1: Caixa de correspondência 2024 (acervo pessoal).

A ideia da caixa era trazer a noção de correspondência, onde cada fanzine, nomeado e envelopado, seria depositado dentro dela para, em seguida, percorrer a cidade até chegar às mãos de outras crianças, que também depositariam suas histórias. Os estudantes envolvidos no projeto encarregam-se de movimentar a caixa até os encontros com as crianças, assumindo, de certa forma, o papel de carteiros que transportam pedaços de territórios. O espaço, que a partir da atividade passa a ser refletido pelas crianças, pode se transformar quando apropriado através da brincadeira. A importância do brincar dentro da arte e da educação não se restringe apenas ao desenvolvimento psicocognitivo infantil; ela também contribui para a preservação da cultura e das tradições populares, que são experimentadas e vividas pelas crianças.

Outra etapa realizada até o momento foi a construção de um pequeno acervo de fanzines que contribuem para o tema "território". A intenção de elaborar esse acervo é enriquecer o repertório imagético das crianças, ilustrar maneiras de transformar acontecimentos do cotidiano em histórias, além de apresentar diversos tipos de dobraduras para compor um livreto. Além disso, a arte em zine oferece uma versão acessível de circulação de arte e informação, na qual, com algumas folhas e cópias, cria-se um circuito independente de arte. Ao guardar algumas cópias dos fanzines criados pelas crianças, o acervo também se encarrega de documentar os processos e as experiências vividas no cotidiano das crianças que residem na cidade de Pelotas. O acervo revela os desenhos como imagens que constituem a

legitimação e a memória, refletindo as condições da infância dessas crianças e revelando cotidianos marginalizados não, que desvendados sob a ótica infantil.

As zines coletadas para compor o acervo foram feitas por crianças ou a partir de histórias contadas por crianças que não conseguiram ou não quiseram desenhar. As zines do acervo expõem os detalhes poéticos e subjetivos vivenciados pelas crianças, como, por exemplo, a famosa nostalgia de passar entre os lençóis estendidos no varal de casa ou ajudar a mãe a segurar o recipiente com prendedores de roupa, às vezes sendo atingidas por um vento que leva as roupas estendidas horizonte afora (Figura 2). As diferenças entre territórios, como o espaço de brincar em um terreno amplo e cheio de natureza ou em locais onde, da praça na esquina de casa, se avistam altos conjuntos de prédios da cidade lotada, foram alguns dos resultados documentados no acervo (Figuras 3). Houve também crianças que relataram as estranhezas percebidas em seu dia a dia, como escreve RC (11 anos): “Eu chego do colégio e escolho qual bike vou andar, chamo meu amigo e nós vai na rua dar bike”, e, na página seguinte, revela: “Aí esse amigo foi atropelado, e até hoje não vi ele mais”. Outra criança, por exemplo, escolheu fazer uma espécie de planta baixa para explicar que sua avó mora na casa de cima. O projeto realizado no Pet Gape proporciona às crianças um processo de reflexão sobre si mesmas e, ao depararem-se com os trabalhos dos colegas, também sobre o outro, encontrando sentimentos e experiências que divergem ou se assemelham.

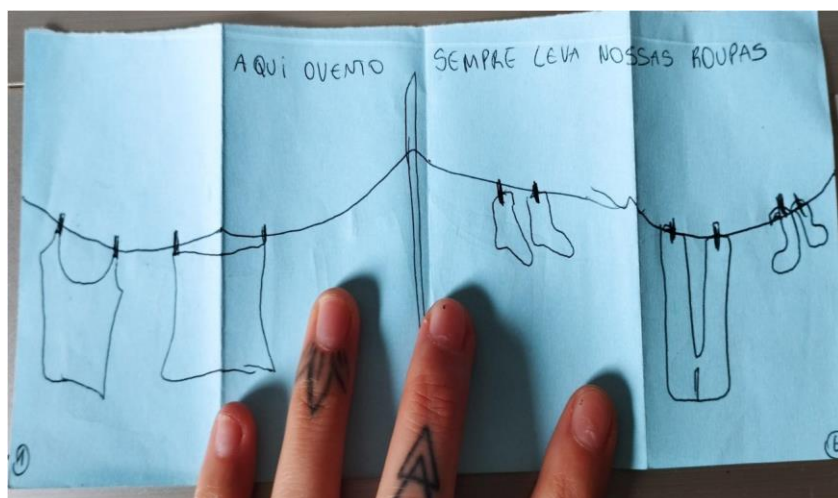


Figura 2: Aqui o vento sempre leva nossas roupas. (Acervo Pessoal).

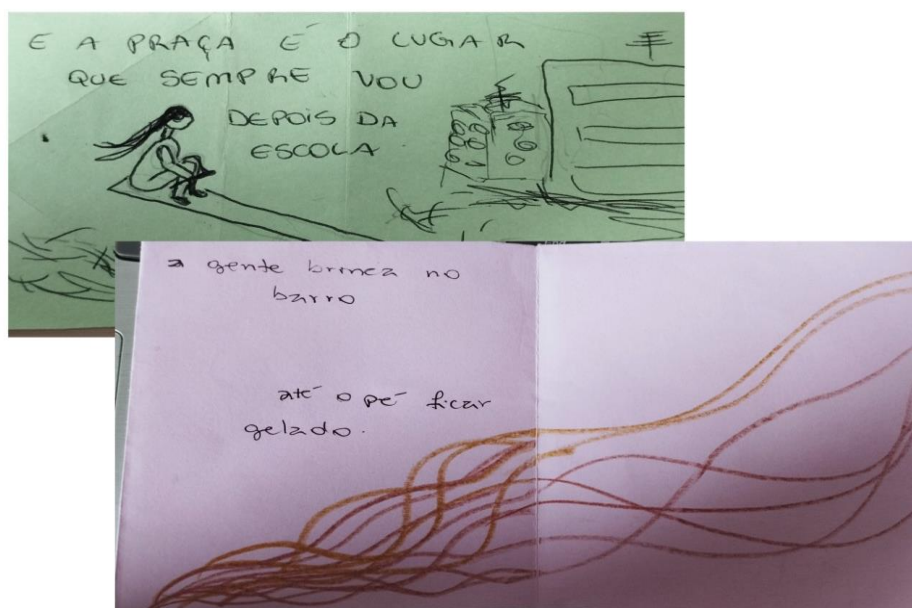


Figura 3: Territórios da infância 2024. (Acervo pessoal).

A proposta de refletir sobre seu cotidiano, desde as pequenas emergências até as grandes banalidades, expõe as crianças a experiências com a subjetividade, a cultura e suas vidas sociais, gerando significados ao compartilharem suas narrativas em forma de carta visual. Um dos impactos das ações mediadas com viés educacional que as oficinas do projeto do Grupo Pet oferecem é o de descortinar certas noções de território, evidenciando que o modelo socioeconômico tende a homogeneizar o espaço como único, ao mesmo tempo que cria diferenças hierárquicas entre as localidades. Entretanto, por meio da arte, é possível ver o espaço/território como uma possibilidade de existência, resistência e resiliência, gerando um sentimento de pertencimento.

Os processos vividos não contribuem apenas para que os diversos universos infantis sejam percebidos pelos estudantes e pesquisadores que mediam as interações pedagógicas, mas também para que as crianças percebam entre si as diversas maneiras pelas quais expressam suas próprias vidas e infâncias. Além das investigações sobre as produções da infância, o projeto auxilia as crianças a alcançarem ferramentas para perceberem a si mesmas, sua atuação no mundo e sua autonomia cultural, reconhecendo o que vivenciam e comunicando o que sabem.

4. CONSIDERAÇÕES

As práticas desenvolvidas no projeto "Fanzineando o Cotidiano" revelam a potência da arte e da educação popular como ferramentas de transformação social, proporcionando às crianças de Pelotas o protagonismo na expressão de suas experiências e territórios. Ao promover oficinas que incentivam a criação de fanzines, o projeto permite que as crianças compartilhem suas vivências cotidianas, estabelecendo diálogos entre diferentes bairros e culturas. O impacto vai além da produção artística, fomentando a reflexão sobre o espaço, a

subjetividade e o pertencimento, ampliando a consciência social e cultural dessas crianças, além de criar um circuito de resistência e valorização de suas histórias.

As interações entre pessoas e lugares transcendem relações físicas, e as crianças não são meras reprodutoras ou consumidoras da cultura adulta; elas possuem sua própria cultura, com signos e significados próprios. Cada realidade constrói sua ideia de infância, elaborando uma subjetividade infantil única. Conclui-se, então, que fornecer espaço para que as crianças expressem seus pensamentos e criações é uma maneira essencial de acessar e legitimar o universo e a cultura infantil, buscando uma autonomia cultural.

As práticas de arte e educação, seja dentro ou fora das escolas, precisam integrar o atravessamento político. Para adolescentes do ensino médio, essa abordagem pode ser mais direta, enquanto para crianças do ensino fundamental, deve haver uma adaptação sensível. Nessa etapa, o “político” da arte está na possibilidade de navegar pelos medos, sonhos e reflexões das crianças sobre seu próprio ambiente, o que gera, de forma indireta, uma crítica ao lugar que ocupam. A arte fornece ferramentas para que os alunos aprendam a identificar o que os incomoda, a impor limites e a dizer “não”. Ela trata daquilo que causa estranhamento, como a morte, o amor e os diversos temores, movendo o pensamento e propondo novos significados para o viver. Essa metodologia abre caminho para práticas que considerem a criança como um sujeito autônomo.

Foi possível concluir que as escolhas temáticas do ensino da arte precisam dialogar com os diversos universos existentes no território da infância, que articulem problemas as situações vividas dentro do contexto dos alunos e lide com o contemporâneo no cotidiano. É preciso fazer de projetos pedagógicos, experiências de criação poética, pois desenvolver uma arte baseada em suas realidades talvez seja mais pedagógico do que apenas se prender em questões conteudistas e de técnicas. E é trilhando por esse viés que podemos combater a rigidez do ensino dentro das escolas públicas e dos contextos sociais. Todo conhecimento deve ter viés crítico e ser acessível a todos, combatendo a hierarquia intelectual injusta e instalada que ocorre na dicotomia entre as classes sociais. A educação, a arte e a cultura não andam só e compõe também, nesta dinâmica de fazer arte, uma espécie de documentação histórica a respeito da infância.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Ana Mae.** Inquietações e mudanças no ensino da arte. Cortez Editora, 2018.
- OSTETTO, Luciana** Esmeralda. Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis. Caderno de Formação: formação de professores educação infantil princípios e fundamentos. Acervo digital Unesp, v. 3, p. 27-39, 2011.
- SANTOS, M.** (2002). Território e dinheiro. Niterói: UFF/AGB.